

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar a situação lingüística na fronteira Brasil/Guiana Francesa, discutindo os resultados obtidos frente à política lingüística de ensino de línguas estrangeiras estabelecida no Brasil assim como preconizar a educação bilíngüe para esse contexto. Os contextos de fronteira se caracterizam como espaços de minorias lingüísticas e desde as primeiras ações de políticas lingüísticas estabelecidas existe uma tendência ao não reconhecimento desse plurilinguismo devido ao mito de que a língua portuguesa falada no Brasil¹ apresenta uma homogeneidade surpreendente. O que causa, em âmbito nacional, um grande equívoco nas elaborações das propostas de política lingüística de ensino de línguas estrangeiras.

Entretanto, é importante destacar que o tema proposto foi se estruturando desde a graduação como aluna de iniciação científica do projeto “*Política Lingüística no Brasil e no Mercosul: o ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional*” coordenado pela professora Mônica Savedra no Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Este projeto tinha como objetivo formular e implementar uma política lingüística no Brasil, como país membro do Mercosul, destacando o ensino de línguas oficiais, línguas de trabalho e línguas de minorias neste bloco regional, comparando e discutindo com os estudos realizados na União Européia

A partir das discussões do grupo, deparei-me pela primeira vez com a constatação de que no Brasil existiam outros contextos lingüísticos além dos indígenas como os contextos de imigrantes e os contextos das regiões de fronteira e também com o binômio Política e Planificação Lingüística, mas confesso que a idéia de uma pluralidade lingüística existente no país causava-me estranheza assim como uma área de pesquisa denominada política lingüística, que teria como objetivo definir investigar efeitos “perversos” das políticas e legislação da linguagem”.

Com as pesquisas, discussões e trabalhos desenvolvidos no grupo, fui reiterando-me sobre esses contextos lingüísticos e percebendo as poucas ações de política lingüística estabelecidas para essas populações. Além disso, reiterei-me também sobre as ações de política lingüística estabelecidas no Brasil enquanto país membro do Mercosul.

¹ Ver Bagno (1999).

Diante disso, o que despertou meu interesse foi perceber a ausência de uma política e planificação lingüística no tocante aos contextos multilíngües de fronteira que colocam frente a frente diariamente povos com línguas e culturas diferentes. O tema torna-se por demais instigante devido à grande variedade de tópicos que caracterizam e / ou se relacionam ao termo fronteira: história, povo, língua, raízes, identidade nacional, pluralidade, soberania, limite e linha divisória.

No âmbito do grupo, em relação à fronteira sul, identificamos trabalhos sobre o contato lingüístico entre a língua portuguesa e a espanhola assim como o início do projeto de escolas bilíngües, resultado de acordos entre Brasil e Argentina como membros do Mercosul. Entretanto, o questionamento do grupo de pesquisa assim como o meu era sobre os contatos lingüísticos que ocorriam nas demais regiões de fronteira do país, que não se relacionavam com esse bloco econômico, e sobre as intervenções lingüísticas em relação ao ensino de línguas estrangeiras estabelecidas ou não nesses contextos.

Ao ingressar no mestrado, também na Pontifícia Universidade Católica, o meu envolvimento com a fronteira norte e as línguas em contato que lá coexistem deu-se através do projeto de pesquisa *Mapeamento lingüístico na fronteira francófona do Brasil: questões de domínio e uso funcional lingüístico* também coordenado pela Professora doutora Mônica Savedra. O interesse pelo contato lingüístico que ocorre na única fronteira francófona da América do sul se solidificou devido às especificidades sociais, econômicas e lingüísticas que caracterizam essa região. A partir de uma análise bibliográfica sobre o tema, observamos os poucos trabalhos divulgados sobre as línguas que estão em contato nesse contexto, assim como nenhuma ação político – lingüística relacionada à fronteira Brasil/Guiana Francesa.

Em pesquisa de campo realizada em fevereiro de 2008, toda teoria aprendida na universidade e no grupo de pesquisa se consolidou ao deparar-me com situações sociolingüísticas completamente distintas do monolinguismo instaurado no país e também com a ausência de uma planificação lingüística na região. A proximidade com a Guiana francesa faz com que a língua francesa esteja delimitada em muitos espaços do território brasileiro, coexistindo com outras diversas línguas. Diante dessa dinâmica fronteiriça, discutir a implantação de uma política lingüística adequada a esse contexto assim como inseri-lo no debate das práticas lingüísticas que ocorrem nas fronteiras do país foi o que mais motivou o desenvolvimento desse trabalho.

É importante ressaltar que essa pesquisa teve a participação do professor Jean - Louis Calvet da universidade de Aix-en-Provence na França, quem nos orientou sobremaneira nas questões sociolingüísticas encontradas em campo assim como na coleta dos dados. Diante dessas orientações e discussões, achamos necessário, devido às especificidades lingüísticas da região e também a pouca idade dos sujeitos, aplicar, como forma de embasar ainda mais a discussão sobre essa região fronteiriça, um questionário sobre atitudes lingüísticas para investigar os valores que os mesmos têm sobre as línguas que estão em contato nesse espaço. Os resultados preliminares desta investigação são discutidos no capítulo de análise dos dados.

Desse modo, estruturamos a composição dessa pesquisa da seguinte maneira: no primeiro capítulo delimitamos o tema assim como explicamos a motivação para esse estudo; o segundo capítulo traz o embasamento teórico sobre Línguas em Contato, Política e Planificação Lingüística no que tange o ensino de línguas no país. No terceiro, apresentamos os aspectos socioeconômicos e lingüísticos da região; o quarto detalha entre os procedimentos adotados, a pesquisa de campo; no quinto temos a análise dos dados coletados; e finalmente, no sexto capítulo têm-se as conclusões obtidas com a realização deste estudo.

1.1 Delimitação do tema

O Brasil tem limites terrestres com nove países da América do Sul: Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e com o Departamento Ultramarino Francês da Guiana. Com esta última, a única região oficialmente francófona da América do Sul, e foco de estudo desse trabalho, o Brasil partilha um pouco mais de 600 quilômetros de fronteira.

O município de Oiapoque, localizado no estado do Amapá, é conhecido como o ponto extremo do Brasil ao norte, mas, além disso, é a cidade que faz fronteira com o vilarejo de Saint-Georges na Guiana Francesa. Essa região fronteiriça se caracteriza como uma região plurilíngüe devido ao número de línguas que coexistem na região com status variados e ao elevado número de migrantes. Entretanto, pouco se sabe sobre o contato diário entre o português, o francês, as línguas indígenas e o crioulo francês.

Este fato ilustra sobremaneira a idéia tão comumente propagada de “uma língua, uma Nação”, estabelecida com a construção dos Estados Nacionais. A partir desse monolinguismo instaurado, é de se esperar que o estabelecimento de uma política lingüística no Brasil ande a passos lentos e que não se leve em consideração os diversos contextos lingüísticos existentes.

Cavalcanti (1999), ao abordar o assunto, aponta que esse “apagamento” das minorias lingüísticas se relaciona ao fato desses contextos lingüísticos serem de tradição oral. O bilingüismo / multilingüismo dessas comunidades não é reconhecido por não ter passado pelo processo de escolarização, ou seja, não domina-se a escrita, na maioria das vezes, dessas línguas.

No âmbito dessa diversidade lingüística de Oiapoque, surgem inúmeras questões sobre o domínio lingüístico e atitudes lingüísticas ligadas às diferentes línguas em contato. Nessa direção, Mackey apud Pereira (2006) aponta que as línguas exercem um poder de força umas sobre as outras e as diferenças de poder se manifestam quando as línguas estão em contato.

Nesse contexto, a escola se destaca como um poderoso meio de intervenção na gestão das situações lingüística, pois este ambiente é responsável por definir o status de uma língua em uma determinada comunidade além de contribuir na construção da identidade lingüística dos indivíduos da região.

Diante disso, delimitamos essa pesquisa em uma escola pública dessa zona de fronteira brasileira, o município de Oiapoque, sendo os sujeitos alunos do sexto ano do ensino fundamental. Acreditamos que nesse ambiente comunicativo iremos encontrar subsídios para discutir a formulação e implantação de uma política lingüística que leve em consideração esse contexto de fronteira.

1.2 Situação- problema e Justificativa

O termo fronteira é entendido em várias áreas do conhecimento, em várias acepções. No seu caráter histórico, o vocábulo tem origem latina, *fronteria* ou *frontaria*, que significa a parte do território que fica na *front*, ou seja, nas margens.

Na sua definição mais comum, encontrada no dicionário, a fronteira é a extremidade de um país ou região. Isto é, o limite do território entre duas partes distintas como, por exemplo, a divisão territorial entre países, estados e municípios. Nesse

sentido, as fronteiras são delimitações territoriais precisas de um Estado e conseqüentemente a delimitação política desse perante outros. Por esta razão, sempre que se atravessa a fronteira é preciso “guiar-se pela lei de outro território, ingressar num universo que não é o seu nem o costumeiro”.

Entretanto, a fronteira representa algo mais do que simplesmente a divisão e unificação entre dois espaços, “mas uma área de conexão entre interesses bilaterais de ordem política, econômica e cultural” (Raddatz, 2000, p. 15)

Sturza (2006, p.28) afirma que a fronteira significa bem mais que uma zona de controle legal, militar e fiscal, mas sim uma zona de povoamento e de contato social devido a correspondência das chamadas cidades-gêmeas, como veremos na figura 1, que foram sendo fundadas ao longo da faixa fronteira dos países. Em outras palavras, essas cidades fazem surgir uma fronteira significada bem mais como espaço de interação social do que um território propriamente delimitado.

Castello (1995, p.18) afirma que a fronteira pode ser entendida também como o lugar onde o “eu” e o “outro” se encontram, enquanto formas culturais, para construir um elemento de identificação, deixando-se, nesse processo, penetrar-se pela cultura do outro. Ainda segundo o pesquisador, isso não significa anular a identidade nacional, mas sim enfatizar os laços comuns. Com isso, pode-se dizer que “a um só tempo a fronteira é um lugar de integração e separação”.

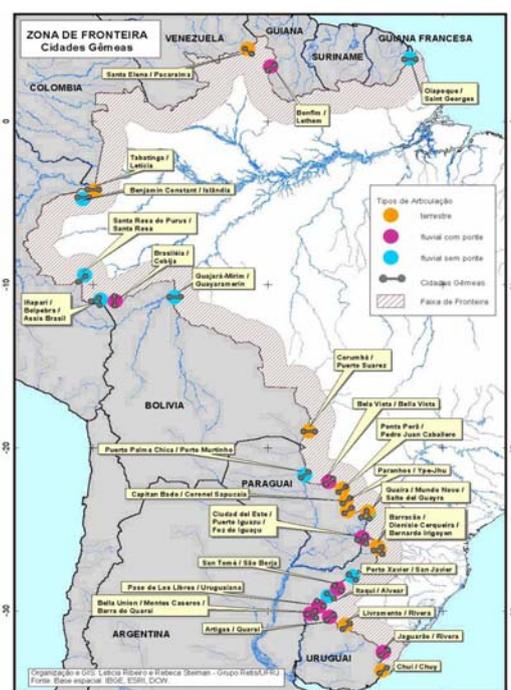


Figura 1: Mapa Cidades -Gêmeas (Instituto de Geografia- UFRJ)

Diante do que foi exposto acima, o contato lingüístico nessas zonas de fronteira, é inevitável, pois estas se constituem como um lugar propício para o encontro de línguas e seus possíveis cruzamentos lingüísticos, nos levando a questionar como as línguas se relacionam, cruzam-se e significam nestes contextos.

Mas mesmo diante dessa complexidade lingüística, os estudos sociolingüísticos sobre as línguas em contato nas fronteiras brasileiras ainda são pouco investigados. Com exceção da fronteira sul, como dito, que tem um número considerável de ²trabalhos publicados desde o clássico *Dialeto fronteiriço en el norte del Uruguai*, de Rona, em 1959, sobre o contato entre o português e o espanhol na fronteira do Brasil com o Uruguai, ainda falta a lingüística brasileira investigar as demais cidades ao longo da faixa fronteira do país.

Como vimos, essas zonas de fronteiras são muito mais que fronteiras geográficas, mas sim sociais, e o contato entre as línguas seja a fronteira uma região de grande ou pequena concentração populacional seja a fronteira uma zona de ³fronteira “seca” ou “líquida” é uma consequência inevitável. Desse modo, acreditamos que investigar as línguas em contato na fronteira norte é por demais relevante já que essa zona de fronteira tem sido pouco estudada pelos ⁴pesquisadores brasileiros em estudos da linguagem.

Ter como foco de investigação a fronteira Brasil/Guiana Francesa nos faz questionar sobre as motivações do poder público quando da elaboração de ações político- lingüística já que a partir do que foi exposto acima, esse contexto resente de uma política lingüística que com certeza contribuirá para a manutenção da diversidade lingüística da região assim como para a identidade desses moradores. Com a identificação aqui apresentada, estamos também contribuindo para inserir no debate sobre o contato lingüístico de fronteira a pluralidade de línguas da fronteira norte.

² Behares (1984), Elizaincin, Behares e Barrios (1987), Sturza (1994), Hensey (1972), Sturza (2005)

³ Nas fronteiras “secas”, há cidades separadas apenas por uma rua como no caso de Brasil/Uruguai e Brasil/ Argentina. Na fronteira “líquida”, as cidades são separadas por um obstáculo natural como um rio, que são transpostas, em algumas cidades-gêmeas, por pontes internacionais. No caso da região desse estudo a cidade de Oiapoque e o vilarejo de Saint-Georges, a fronteira é líquida, pois é separada pelo rio Oiapoque. Entretanto, o acordo transfronteiriço entre Brasil e a França decretam para o ano de 2009 a construção de uma ponte internacional ligando ambos os países.

⁴ Em relação a esse contato lingüístico, do lado brasileiro temos o estudo de Day (2005) que apresenta o quadro sociolingüístico da região e o uso funcional lingüístico em diferentes ambientes comunicativos: família, escola, mídia e administração pública. Do lado francês, temos os estudos de Leconte et Caitucoli (2003), Legrise (2004), Chareille (2004), Galvão et Schaller (2007), que apresentam as diversas nuances desse contato lingüístico.855

1.3 Objetivos

Este estudo tem como objetivo identificar o domínio funcional de uso lingüístico dos alunos da sexta série do ensino fundamental de uma escola pública da região fronteira de Oiapoque e discutir esse domínio frente às propostas de ensino de língua na região.